



Edward Hopper

# Edward Hopper e a solidão teratológica no cinema americano

Luis Fernando Franco Martins Ferreira  
Procurador federal da Advocacia-Geral da União  
graduado em direito e história

O cinema americano hodierno é farto em filmes de terror, de suspense ou de temática policial habitados por monstruosidades de graus variados, cujo contato com a realidade pode exibir-se mais ou menos remoto, abroquelando desde meras psicoses ou psicopatias até quadros de “ficção científica” muito afastados do mundo concreto.

A que se credita esta pletora de teratologia na assim chamada sétima arte produzida nos Estados Unidos? O que os monstros do cinema americano, povoado de perversos *serial killers* e quimeras, têm a nos dizer? Por que o alheamento em relação à realidade medra em Hollywood, assustando plateias ao redor do mundo?

Aqui vão algumas brevíssimas hipóteses de trabalho a propósito: “Busque as contradições”, diriam os adeptos de certa metodologia dialética.

Com efeito. Nos paradoxos engendrados pela ideologia do individualismo quase solipsista que viceja em solo norte-americano, talvez consubstanciado no bordão do *self made man*, parece residir em boa medida a chave da teratologia cinematográfica hollywoodiana.

Voltemos nossa atenção para a fabulosa obra figurativa de um artista plástico que muito influenciou o cinema de seu país: Edward Hopper.

Seu realismo pictórico é insidioso e enganador: conquanto pareça retratar com fidelidade figurativa cenas banais e comezinhas do cotidiano que o espreita, o silêncio e a incomunicabilidade de

seus solitários personagens inseridos em paisagens urbanas desérticas e desabitadas, na verdade, denotam um artifício do autor consistente em conduzir ao paroxismo a ideologia individualista, culminando em resultado psicologicamente assustador. A verossimilhança dos quadros resta prejudicada e causa sensação de desconfortável estranhamento porquanto o artista imprime demasiado acento na solidão de suas figuras humanas: elas estão sempre entranhadas, sozinhas ou sem interagir com outros, em cidades e prédios desoladoramente vazios, como se a população urbana tivesse sido devastada por alguma hecatombe, de que se salvaram pouquíssimos habitantes, ou nenhum, mas que teria poupado os edifícios.

Solidão e incomunicabilidade extremas, em ambientes fantasmagoricamente desertos, acabam por aterrorizar o espectador, provavelmente por afigurar-se insuportável a situação para a esmagadora maioria dos indivíduos, sempre a buscar interação social.

Tomemos o caso mais evidente da ingerência da obra de Hopper no cinema: o quadro intitulado “Casa ao lado da ferrovia”, que retrata uma residência vazia, provavelmente desabitada em meio a um descampado soturno cujo único liame com o mundo dos vivos parece ser o trilho de uma ferrovia que passa ao largo, é geralmente associado à mansão do solitário Norman Bates, personagem de “Psicose”, festejado filme de Alfred Hitchcock. Não por acaso, o surto psicótico de Norman Bates, que o conduz ao assassinio da protagonista, associa-se no filme de Hitchcock à ambientação de solidão extrema em uma casa fantasmagórica e assombrada em que vive o homicida, de sorte que sua incapacidade generalizada de comunicação, máxime com a vítima mulher, está na raiz do ato criminoso de um indivíduo tímido e esquizóide convolado em monstro assassino.

Em outra mostra da influência de Hopper sobre o mestre inglês dos filmes de suspense, a monstruosidade assassina do “crime da mala”, no impressionante “Janela indiscreta”, também se atrela ao tema da incomunicabilidade entre os indivíduos: a inescrutabilidade do lar, sua intimidade e isolamento em relação ao mundo exterior podem encobrir teratologias insuspeitas. A obra “Janelas da noite” de Hopper figura como matriz de mais esse *thriller* hitchcockiano, em que a casa do indivíduo, a intimidade do lar por meio da qual ele se protege do mundo ao redor, oferece-se em metáfora da solidão do ser humano. Daí, inclusive, o tom assombrado e espectral de todos os prédios e lares na arte de Hopper.

Poder-se-ia cogitar que a monstruosidade, a teratologia representadas nos filmes de Hollywood radicam precisamente na contradição entre o solipsismo ideológico do individualismo exacerbado em relação à realidade concreta: se a tese de que o indivíduo é fruto das gerações que o precederam e da sociedade de que é contemporâneo, a saber, se o ser social de Marx e, particularmente, de Lukacs está correta, então o *self made man* da nação vanguardeira do capitalismo consiste em engodo nefasto que pode conduzir à perda do contato com a realidade, com produzir psicoses, monstros e espectros que se voltam criminosamente contra a mesma.